

Múltipla escolha

Leia atentamente as afirmações abaixo e assinale aquela que lhe parecer a mais correta:

a) Os partidos políticos brasileiros possuem um elevado grau de coesão e disciplina durante as votações na Câmara dos Deputados;

b) a atuação dos partidos políticos no plenário da Câmara corresponde à posição de cada um deles no espectro ideológico;

c) não há surpresas no voto dos pequenos partidos na Câmara, pois eles costumam acompanhar a posição dos grandes partidos com os quais são afinados ideologicamente;

d) o plenário da Câmara não se comporta de modo errático, mas, ao contrário, vota de forma bastante previsível;

e) nenhuma das quatro primeiras afirmações; e

f) todas as quatro primeiras afirmações.

Por incrível que pareça, você só acertou a resposta desse teste de múltipla escolha se cravou a última alternativa. Pelo menos, é isso que se conclui da leitura da pesquisa "Partidos políticos na Câmara dos Deputados (1989-1993)", de autoria de Argelina Figueiredo e Fernando Limongi, ambos do Cebrap, que põe por terra muitos dos mitos existentes sobre o comportamento político do plenário Ulysses Guimarães. Analisando os votos proferidos pelos líderes dos principais partidos e os mapas das 247 votações nominais ocorridas na legislatura passada, os dois constataram a existência de três blocos ideológicos nítidos no plenário: o da direita, formado por PPR, PFL e PTB, o do centro, por PMDB e PSDB, e o da esquerda, por PDT e PT. Poucas vezes esses blocos romperam-se. Nos 247 casos analisados, isso ocorreu apenas 51 vezes com a direita, 54 com o centro e 44 com a esquerda. Como muitas dessas deliberações não versaram sobre questões relevantes, pode-se dizer que essas coligações eram consistentes.

Para medir a disciplina interna das bancadas, os dois pesquisadores estudaram as 202 votações com quorum no período. "A visão tradicional, segundo a qual os partidos brasileiros são pouco coesos, não encontra sustentação nos dados (...). Para uma votação qualquer, pode-se esperar que 85% dos membros de qualquer dos grandes partidos estarão votando da mesma forma. O Congresso brasileiro está longe de ser tão errático

como se apregoa", dizem Limongi e Figueiredo.

A disciplina é mais nítida na esquerda, mas também se observa à direita e ao centro. No caso do centro, registrou-se um fenômeno curioso. A coesão do PMDB foi mais forte quando ele se aliou com as forças conservadoras (81% dos deputados acompanharam o líder) do que quando o partido marchou junto com os progressistas (nesse caso, o índice de coesão caiu para 65%). Já com o PSDB, deu-se o contrário: quando o partido aliou-se à esquerda, a disciplina atingiu 86,6% da bancada; quando se uniu à direita, essa percentagem desceu para 62,7%.

O trabalho dos dois pesquisadores do Cebrap desmontou também o mito de que o comportamento dos pequenos partidos é imprevisível. Limongi e Figueiredo separaram as legendas nanicas em dois campos: o dos Pequenos Partidos de Esquerda (PPE) e o dos Pequenos Partidos de Direita (PPD). Se fossem encarados como dois partidos, PPE e PPD mostrariam praticamente o mesmo grau de disciplina do PT e do PFL, e votariam como eles. Há, portanto, um PT ampliado e um PFL ampliado na Câmara.

A partir dessa constatação, os dois pesquisadores afirmam que os resultados das votações na Câmara tornam-se bastante previsíveis: "Se as bancadas fossem plenamente disciplinadas e assíduas, se os pequenos partidos de direita se juntassem ao PFL e os de esquerda ao PT, se todas essas condições fossem atendidas, nove em cada dez decisões tomadas pela Câmara não seriam alteradas. Não é preciso saber nada além das indicações públicas dos votos dos líderes. A Câmara se comporta de forma bem mais simples do que o que se imagina." Concluem Limongi e Figueiredo que, no plenário da Câmara, os partidos políticos não são peças de ficção. "O que temos é uma alta fragmentação nominal a esconder uma baixa fragmentação real", afirmam.

O trabalho dos dois pesquisadores foi lido com lupa no mês passado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que recomendou a vários de seus interlocutores políticos que o estudassem cuidadosamente. Fernando Henrique chegou à conclusão de que ter maioria no Congresso é mais fácil do que pensava.